

Biblioteca Anarquista



# A Instrução Integral

Mikhail Bakunin



Mikhail Bakunin  
A Instrução Integral

Retirado do livro “Socialismo Libertário”

[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)

A primeira questão que temos de considerar hoje é esta: Poderá ser completa a emancipação das massas operárias enquanto recebam uma instrução inferior à dos burgueses ou enquanto haja, em geral, uma classe qualquer, numerosa ou não, mas que por nascimento tenha os privilégios de uma educação superior e mais completa? Propor esta questão não é começar a resolvê-la. Não é evidente que entre dois homens dotados de uma inteligência natural mais ou menos igual, o que for mais instruído, cujo conhecimento se tenha ampliado pela ciência e que compreendendo melhor o encadeamento dos fatos naturais e sociais, compreenderá com mais facilidade e mais amplamente o caráter do meio em que se encontra, que se sentirá mais livre, que será mais hábil e forte que o outro. Quem souber mais dominará naturalmente a quem menos sabe e não existindo em princípio entre duas classes sociais mais que esta só diferença de instrução e de educação, essa diferença produzirá em pouco tempo todas as demais e o mundo voltará a encontrar-se em sua situação atual, isto é, dividido numa massa de escravos e num pequeno número de dominadores, os primeiros trabalhando, como hoje em dia, para os segundos.

Entende-se agora porque os socialistas burgueses não pedem mais que ‘instrução’ para o povo, um pouco mais que agora, e porque nós, democratas socialistas, pedimos para o povo ‘instrução integral’, toda a instrução, tão completa quanto requer a força intelectual do século, a fim de que por cima da classe operária não haja de agora em diante nenhuma classe que possa saber mais e que precisamente por isto possa explorá-la e dominá-la. Os socialistas burgueses querem a manutenção das classes, pois cada uma deve, segundo eles, representar uma função social diferente. Eles queriam, conservando-as, aliviar, minorar e dissimular as bases históricas da sociedade atual, a desigualdade e a injustiça, que nós queremos destruir. Do que resulta que entre os socialistas burgueses e nós não é possível acordo, conciliação nem coalizão alguma. Mas, se dirá – e este é o princípio a que se nos opõe e que os senhores doutrinários de todas as cores consideram irresistível – que é impossível que a humanidade inteira se dedique à ciência: morreria de fome. É preciso, portanto, que enquanto uns estudam, outros trabalhem para produzir os objetos necessários para viverem em primeiro lugar e depois para os homens que se dedicam exclusivamente a trabalhos intelectuais; pois estes homens não trabalham só para eles: seus descobrimentos científicos, além de ampliar o conhecimento humano, não melhoram a condição de todos os seres humanos, sem exceções, ao aplicá-los na indústria e na agricultura e, em geral, na vida política e social?

Suas criações artísticas, não enobrecem a vida de todo mundo? Mas não. Não de todo mundo. E o repúdio maior que teríamos que dirigir à ciência e às artes é precisamente não estender seus benefícios e não exercer sua influência útil mais que sobre uma mínima parte da sociedade, excluindo e por conseguinte prejudicando a imensa maioria.

Hoje pode-se afirmar acerca do progresso da ciência e das artes o que se diz, e com razão, nos países mais civilizados do mundo, acerca do prodigioso desenvolvimento da indústria, do comércio, do crédito, da riqueza social, em uma palavra. Esta riqueza é totalmente exclusiva e tende a ser cada dia mais, ao concentrar-se sempre em mãos de uns poucos e lançar a pequena burguesia, as capas inferiores da classe média, em direção ao proletariado, de maneira que o desenvolvimento e o progresso está em razão direta com a miséria crescente das massas operárias. Assim resulta que se abre cada dia mais o abismo que separa a minoria feliz e privilegiada dos milhões de trabalhadores que vivem com o trabalho de suas mãos, e que enquanto mais felizes são os felizes exploradores do trabalho popular, mais infelizes são os trabalhadores. Que se recorde, frente a fabulosa opulência do grande mundo aristocrático, financeiro, comercial e industrial da Inglaterra, a situação miserável dos operários deste mesmo país. Que se leia e releia a carta, tão ingênua e dilaceradora, escrita faz pouco tempo por um inteligente e honesto ourives em Londres, Walter Dugan, que se envenenou ‘voluntariamente’ com sua mulher e seus filhos para escapar às humilhações da miséria e as torturas da fome; então haverá que confessar que esta civilização tão glorificada não significa, desde o ponto de vista material, mais que opressão e ruína para o povo. E o mesmo ocorre com os modernos avanços da ciência e das artes. São imensos estes progressos, é verdade.

Mas, quanto mais extraordinários são, mais se convertem em causas de escravidão intelectual e, portanto, material; origem de miséria e inferioridade para o povo, pois também elas alargam a distância que já separa a inteligência popular da das classes privilegiadas. A primeira, desde o ponto de vista da capacidade natural, está hoje evidentemente menos usada, menos sofisticada e menos corrompida pela necessidade de defender interesses injustos e é, por conseguinte, mais forte que a inteligência burguesa; mas, por outro lado, esta última possui todas as armas da ciência e estas armas são formidáveis. Sucede a princípio que um operário muito inteligente se vê obrigado a emudecer ante um erudito tonto, que lhe faz calar não por maior finura de espírito, da qual carece, mas por

instrução, da qual o operário é privado e que o outro pôde receber, pois enquanto sua estupidez se desenvolvia cientificamente nas escolas, o trabalho do operário lhe vestia, lhe dava casa, o alimentava e lhe proporcionava tudo, os professores e os livros necessários a sua instrução.